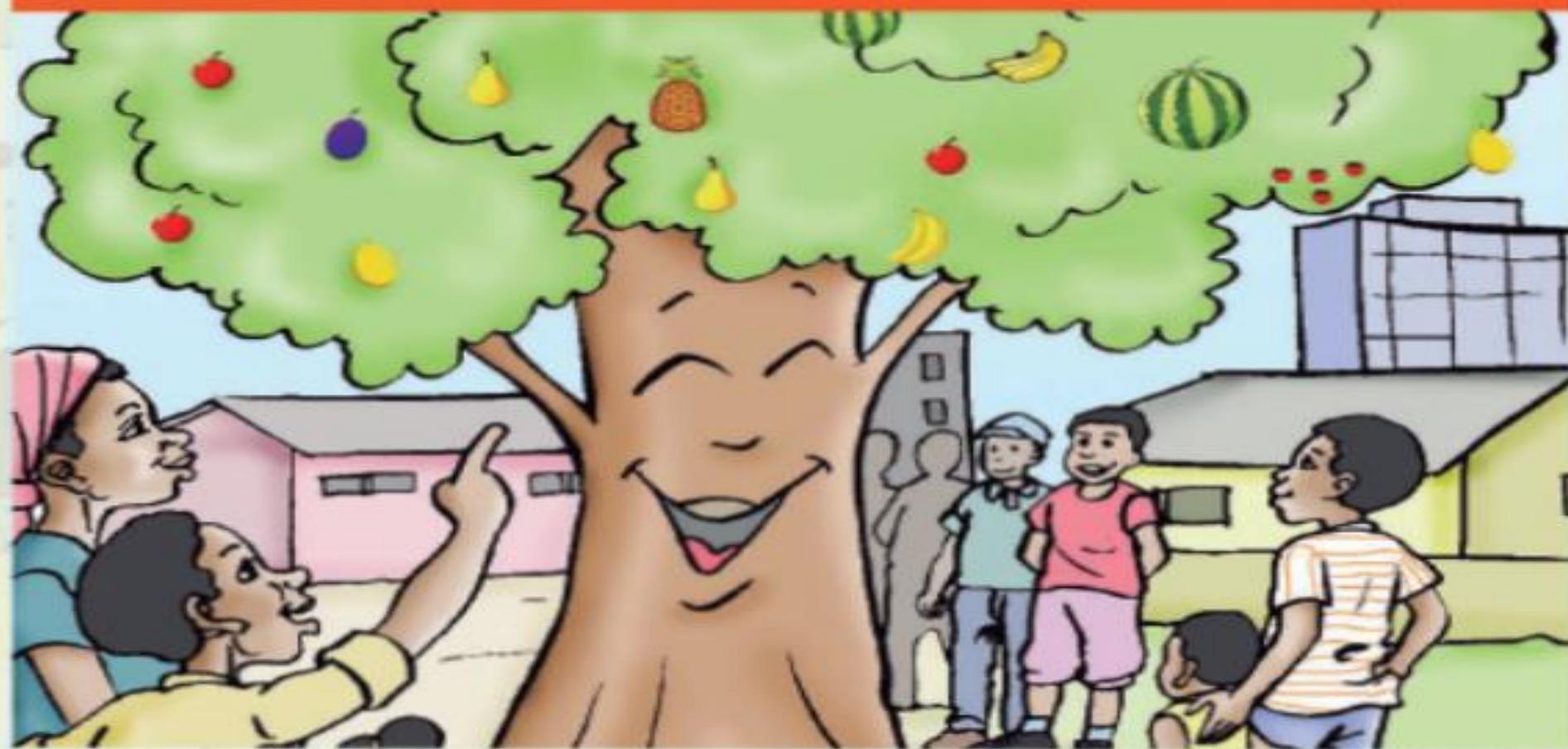


# O MEU LIVRO DE ESTÓRIAS

Gisela A. Borges





Gisela Fernanda Carmelino de Andrade Borges nasceu em Angola, na cidade alta do Cristo Rei: Lubango.

Desde muito cedo, 1984, Realizou e apresentou programas infantis na Rádio Nacional de Angola (Huila) programa Girassol e Pim Pam Pum e na Televisão Pública de Angola o programa Giroflé, descobrindo e estimulando pequenos talentos no mundo das artes.

Foi professora voluntária, do ensino de base, de crianças desfavorecidas.

"O Meu Livro de Estórias" é o sonho de infância realizado e que traduz o amor e carinho dedicado às crianças.

#### APOIOS:

TVC - Televisão Comercial

BPC - Banco de Poupança e Crédito

Rui Kapose

Rosário Ima Panzo

Gerson Teófilo

Eugénio Carlos da Silva

# O MEU LIVRO DE ESTÓRIAS

Gisela A. Borges

Índice

POEMA DE UMA ABELHA

A NUVEM QUE QUERIA CANTAR

O BALÃO ENCARNADO

O GRILO CRICRI

ÁRVORE MÁGICA E AS VOGAIS

O RELÓGIO QUE QUERIA SER ATLETA

OS LÁPIS E O DESENHO SEM COR

PALAVRAS DIFÍCEIS

PARA COLORIR

FICHA TÉCNICA

Título: *O Meu livro de Estórias*

Autora: *Gisela A. Borges*

Ilustração e Paginação: *Victorino Kiala*

Revisão: *Agnelo Carrasco*

Impressão: *Artipol - Artes Tipográficas, Lda. - Águeda*

## AGRADECIMENTOS

Um sonho de menina: "Quando for grande vou escrever um livro para crianças e contar as minhas estórias."... Um sonho que se tornou realidade.

- Agradeço ao meu pai, o eterno Carlos de Andrade, pelo rigor, paciência e dedicação ao corrigir os riscos e rabiscos da época.
- À minha mãe, Maria de Lourdes de Andrade, pelo seu amor e leitura atenta.
- Aos meus queridos filhos, Cleide, Clésio e Cailane Borges, por darem sentido a minha vida e serem grande fonte de inspiração.
- Aos meus irmãos, tios, primos, sobrinhos e amigos, porque cada um completou o puzzle desta obra. Simplesmente porque "temos equipa".

## PREFÁCIO

A literatura amplia as visões e o conhecimento do mundo. Permite conhecer e manifestar factos, sentimentos e emoções sobre tempos passados e actuais, conduz-nos também ao mundo da fantasia, mesmo porque a imaginação e a ficção são uma das maiores características da obra literária.

No caso da literatura para a infância, o texto deve ser equilibrado com a imagem. As ilustrações permitem desenvolver representações mentais que podem ajudar na aprendizagem, pelo estímulo que representam para o reforço do pensamento criativo e da capacidade crítica da criança. A literatura infantil deve distrair, enquanto educa, enquanto forma.

Não é forçoso e quase nunca é importante a biografia do autor, quando nos propomos ler ou comentar o trabalho de quem escreve. Por isso, não vou apresentar a Gisela, mas sim a sua obra, que aqui hoje nos reúne e cujo título é: *O Meu Livro de Estórias*.

No seu imaginário, Gisela mistura a realidade com o sonho, ponto por onde caminhou em todo o seu trabalho.

Observadora e com grande sensibilidade e delicadeza espiritual, a autora reúne a sua infância, coloca-a nos dias de hoje, através da arte mágica da escrita.

Num estilo em que cruza o lúdico com o sério, a autora Gisela incorpora nos seus textos a função educativa e social, para que as crianças desfrutem do belo, enquanto aprendem.

Contida na palavra, Gisela Borges dá-nos um trabalho literário com muita criatividade. Na linha de que a literatura infantil é uma área de muitas valências para o desenvolvimento.

De estímulos para as suas histórias, serviram as vivências de seu trabalho como jornalista e repórter da rádio e agora da televisão, o seu jardim, o seu quintal... misturando talento e carinho. A autora escreve prosa e poesia em motivos relacionados com a natureza, onde as abelhas, os passarinhos, as nuvens e o sol ganham vida, uma outra forma de vida, expressa nas fantasias de combinações das brincadeiras do mundo real com as do mundo da imaginação.

Este livro de estórias infantis pode ser utilizado na escola como incentivo ao gosto pela literatura e daqui, pela leitura - hoje tão esquecida... mas tão necessária. Aliás, a utilidade didáctica do livro revela-se também e por exemplo, noutras aprendizagens, como a dos ponteiros do relógio que se movem de forma giratória da esquerda para a direita, e dão as horas, os minutos e segundos, ou de quanto o relógio queria ser atleta.



Gisela termina as suas histórias com os lápis de desenho, como uma condição para o desenvolvimento da motricidade o que vai permitir dar à criança habilidade de escrita e reconhecer que as cores dão beleza e harmonia, enquanto despertam a vontade das crianças para a interpretação do desenho.

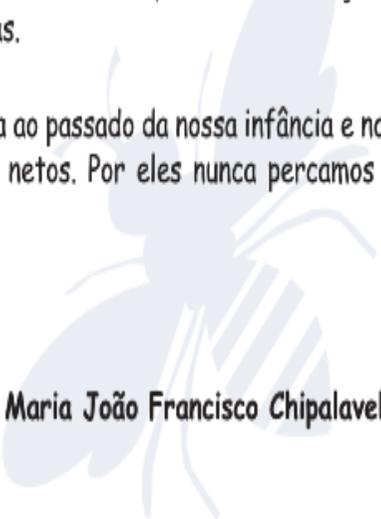


É assim que *O Meu Livro de Estórias*, de Gisela Borges, com nível literário apreciável, dá felicidade e alegria às crianças angolanas, nestes 40 anos de independência. É preciso insistir neste tipo de criação, para não deixarmos que a frieza dos computadores, dos vídeos e dos telemóveis, nos faça esquecer o lado humano que precisa de ser mantido, nas nossas relações, e estimulado pelo exemplo, nas crianças.

Bem-haja, quem assim nos leva de volta ao passado da nossa infância e nos traz ao presente dos nossos filhos e netos. Por eles nunca percamos a inocência da infância.

Lubango, 3 de Fevereiro de 2015

**Maria João Francisco Chipalavela**



"Para todas as crianças e, para as menos crianças,  
para que não deixem morrer a fantasia."

# POEMA DE UMA ABELHA

Créditos Índice Capa



Era uma vez uma abelhinha  
**Graciosa** e amarelinha  
Que vivia a trabalhar  
Para a sua Rainha agradecer

De flor em flor  
O pólen ia tirar  
Para com muito amor  
Um bom mel fabricar

Voar pelo jardim  
Dava-lhe muito prazer  
Tal como ao menino Joaquim  
Um chocolate comer

Tinha que se apressar  
Não podia brincar  
Se queria o mel fabricar  
Para a Rainha alimentar

E de volta à colmeia  
Um zum zum se ouvia  
Era um enxame de mão cheia  
A trabalhar noite e dia

Não era uma fábrica moderna  
Com gentes e máquinas a trabalhar  
Era a sua doce colmeia  
Um bom lugar para se morar.



A NUVEM  
QUE QUERIA CANTAR



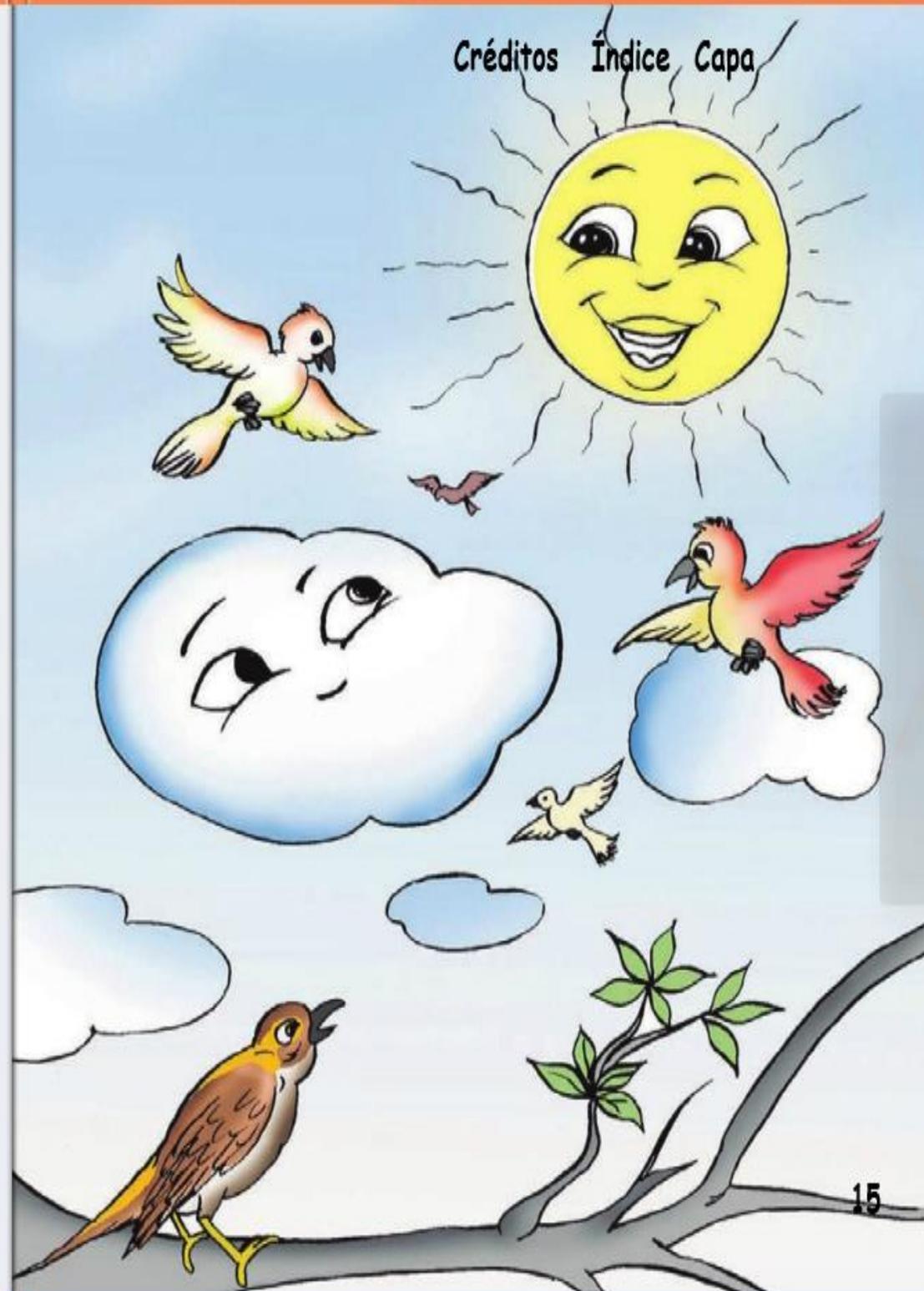
**E**ra uma vez uma Nuvem Cor-de-Rosa que vivia no céu azul. Era um céu tão azul e tão bonito que os passarinhos gostavam de voar livres e alegres, chilreando como uma orquestra. Todos os dias pareciam primavera!

A Nuvem Cor-de-Rosa deliciava-se com a música dos passarinhos e via-os dançar, esvoaçando, ora aqui, ora ali...

— Ah, se eu pudesse cantar! - pensava ela. - Seria a mais bela das canções. A minha voz estaria afinada e de tão maravilhosa ficaria apaixonada por ela. Então poderia dançar de mãos dadas com o meu príncipe encantado.

A Nuvem passava os dias a sonhar em ser cantora **profissional**, nos palcos do céu azul.

— Mas as nuvens não têm boca nem voz! - continuava ela tristonha, olhando ao seu redor e pensando na melhor forma de alcançar o seu desejo: cantar.



— Se o Rei Sol me ouvisse! Sinto-me tão sozinha neste céu azul.  
Eu quero tanto brincar!... - suspirava ela.

Um dia, como por magia, o Rei Sol, amarelinho e brilhante, foi-se chegando, chegando devagarinho... e sem darem por conta estavam os dois a brincar às escondidas.

E sabem que mais? A Nuvem e o Rei Sol estavam a divertir-se tanto, que contagiaram os passarinhos que a eles se juntaram para a brincadeira. Foi uma verdadeira festa no céu!

A nossa amiga, a Nuvem Cor-de-Rosa, de tão feliz, transformava-se nas mais lindas formas e tamanhos, desde um golfinho até uma flor, desde um elegante cavalo branco a um simples e vagaroso caracol carregando a sua casa às costas...

Por tudo quanto conseguia fazer, sem ter boca para cantar e por ser tão parecida ao algodão doce, a Nuvem Cor-de-Rosa nunca mais ficou sozinha.



# O BALÃO ENCARNADO



**E**ra uma vez um balão. Um balão encarnado, vazio, sozinho e tristonho.

Vivia abandonado na prateleira do quarto do seu dono, que só queria brincar com os jogos da moda: os electrónicos, que agora tomam conta do mundo de muitas crianças.

O menino já não queria encher o peito de ar, soprar e fazer o Balão encarnado ganhar vida, ficar grande e bonito, como aqueles que se vêm nas festas infantis.

Um dia, já cansado de tanto ficar vazio, decidiu sair da prateleira, ver o mundo lá fora e encontrar alguém que gostasse de brincar com balões. Não importava se eram azuis, amarelos ou castanhos.

— Mas será possível, neste mundo moderno, encontrar alguém que se importe com um balão encarnado e vazio? — pensava ele.



Cheio de esperança, lá foi o Balão pelas ruas empoeiradas do seu bairro, sem se importar com os perigos que pudessem aparecer.

Meninos iam e vinham sem nele notar. Até um cachorro por ele passou, cheirou e afastou-se:

– Não tem o cheiro de um osso bom para comer - deve ter pensado (que sorte a do Balão não acham?).

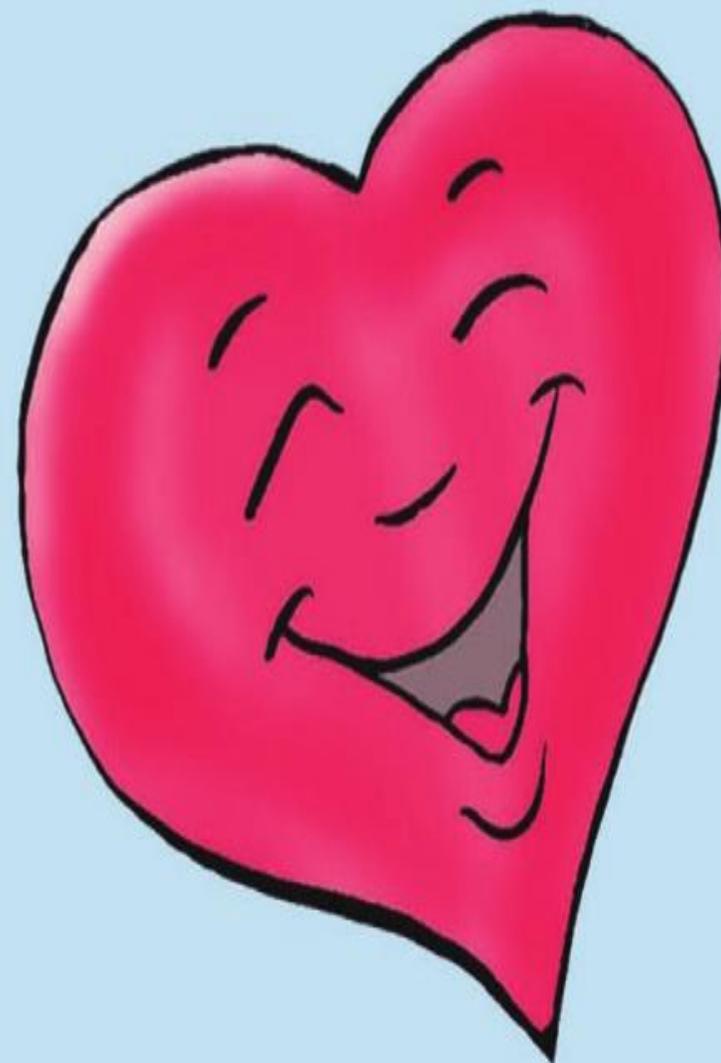
E ia ele rua abaixo, um pouco **desanimado**. Pelo caminho, encontrou uma menina de longas tranças. Estava **lavada em lágrimas**, sentada no passeio, a **lamentar-se** pelo seu jogo electrónico partido.

– A minha vida nunca mais será a mesma! Já não tenho com que brincar! - chorava ela.

– Não fiques triste, eu tenho a solução - disse o Balão muito animado.

– Tens? Tu, um simples balão vazio? O que farás?

– Se conseguires encher-me de ar, eu mostro-te.



A menina das longas tranças, meio **desconfiada**, pegou no balão, sacudiu-o bem, porque tinha alguma poeira da rua e, devagarinho, começou a encher, a encher...

O balão começou a ganhar a forma de um coração. Um enorme coração vermelho.

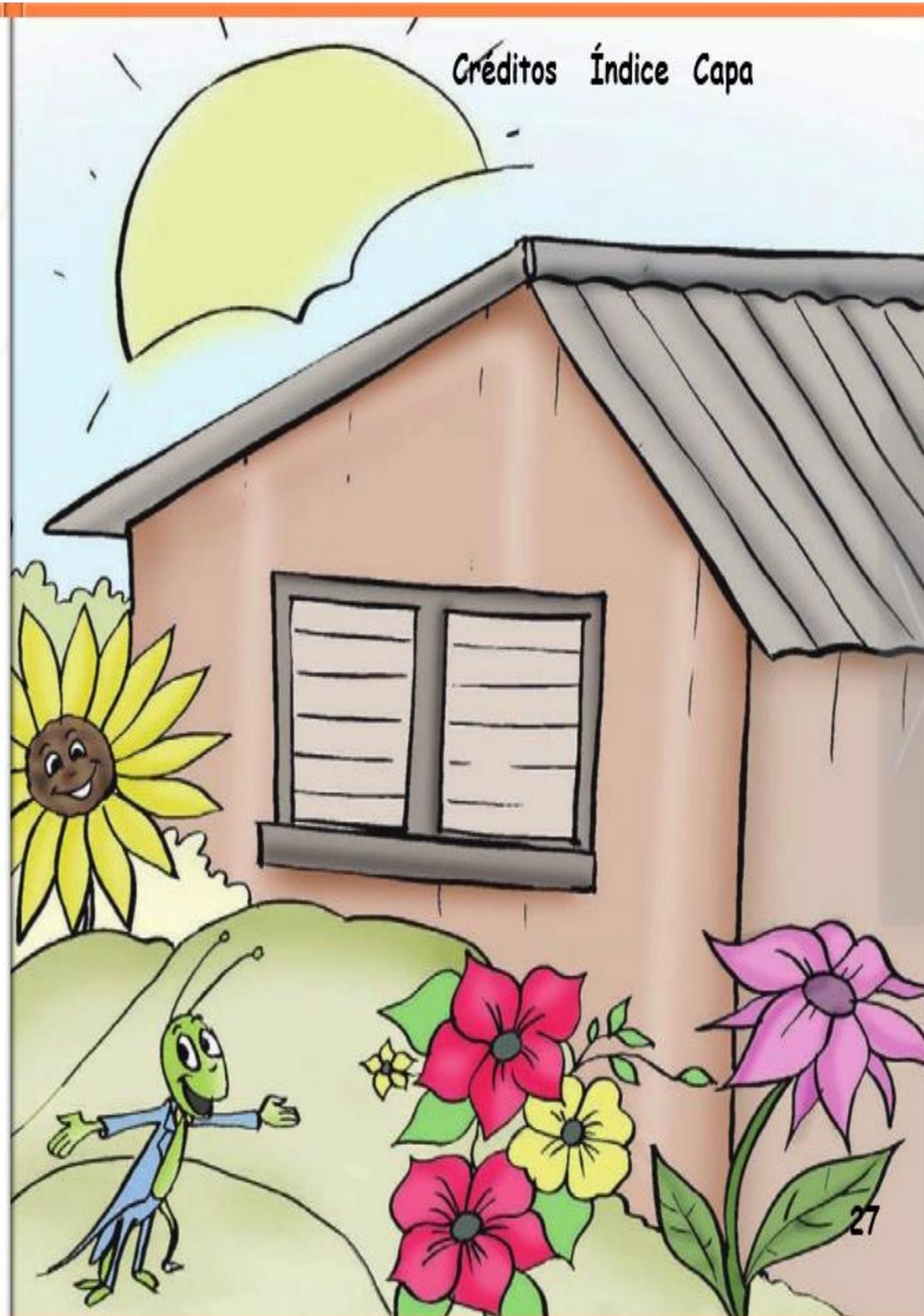
Estava tão bonito que a menina deixou escapar um sorriso de contente.

Os dois, felizes, lá foram rua abaixo: a menina pulando, fazendo as suas tranças dançar e o Balão saltando de mão em mão, ora voando, ora caindo, mas sem nunca rebentar.

E assim se fez uma grande e linda amizade.



# O GRILO CRICRI



**E**ra uma vez um Grilo que vivia no canteiro de flores, bem em baixo da janela do quarto de Danila.

Todas as manhãs, mal o sol acordava, o Grilo punha-se a cantar, a fim de ser o despertador de Danila.

A menina abria a janela, mas nunca reparava no Grilo, que tanto se esforçava para lhe agradar.

As flores e as formigas, que assistiam diariamente àquele espectáculo matinal, perguntavam-se porque é que o Grilo **entoava** sempre aqueles cricris tão bonitos e especiais. Por isso, lhe chamavam o Grilo Cricri.

Elas não sabiam que os grilos, para **cortejar** uma fêmea e espantar os inimigos, cantavam daquela maneira.

Gostavam apenas de acordar com a doce melodia do seu canto.

Numa manhã ensolarada de domingo, o Grilo Cricri, vestido com um fato todo janota, **ergueu** a sua cabeça grande, abanou as antenas compridas e anunciou:



— Hoje vou cantar bem mais alto! A menina Danila vai ter que me ouvir... vou pedi-la em casamento!

A Rosa que era ainda um botão abriu-se sorridente. As Amarílis que andavam escondidas há uns meses, desabrocharam. A flor de Girassol irradiou mais luz e as formigas andaram mais depressa.

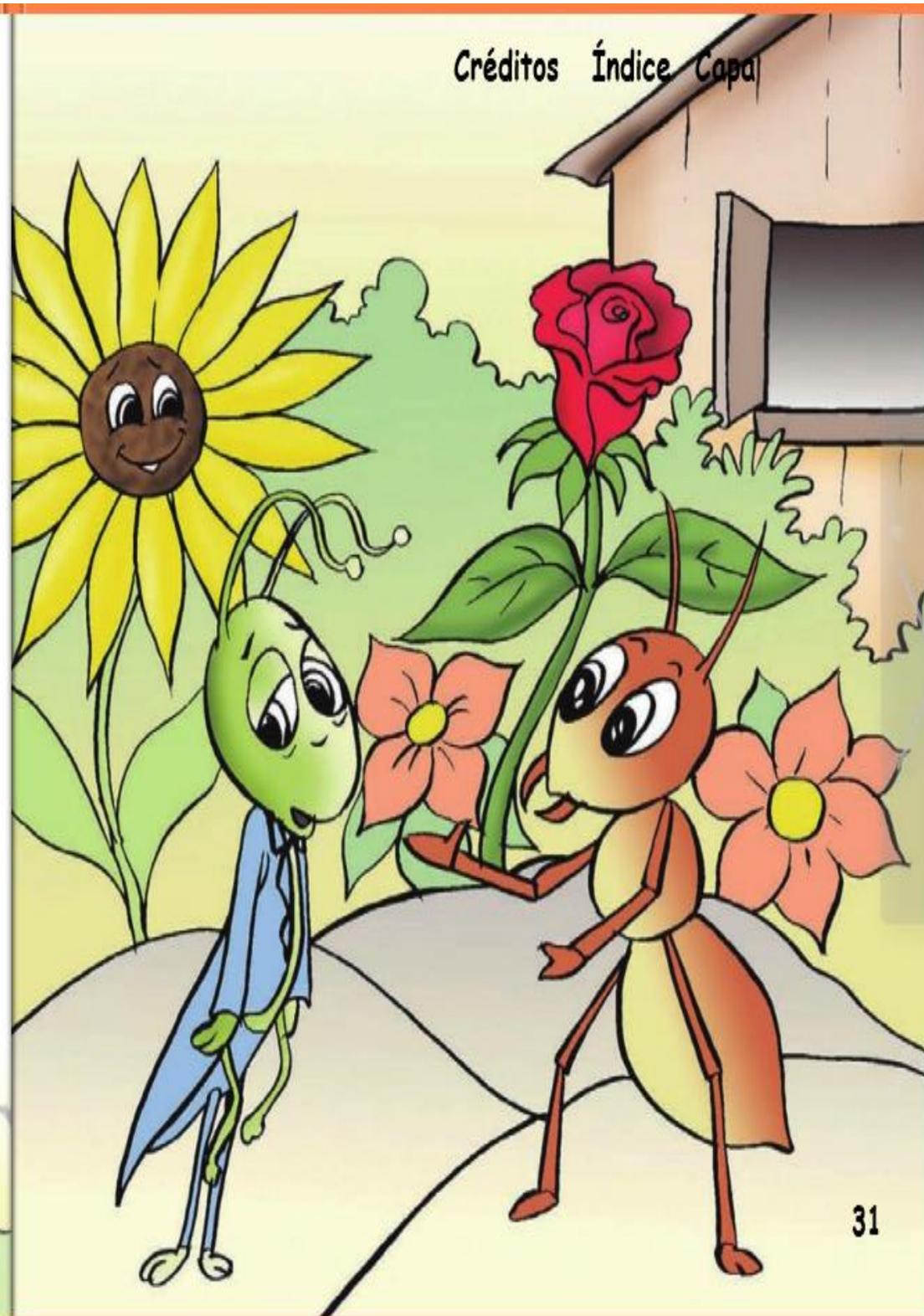
Ninguém queria perder o grande concerto musical e o pedido de casamento do Grilo Cricri.

Fez-se um grande **alarido** no canteiro de flores. Todos queriam falar ao mesmo tempo, mediante tal notícia. A Danila iria ouvi-lo? Iria aceitar casar-se com um insecto?

E antes que alguém respondesse o Grilo Cricri começou a cantar.

— Cri cri... cri cri - entoava ele o canto habitual, para anunciar a sua presença.

E eis que a janela de madeira se abre, surgindo a menina de braços estendidos, espreguiçando-se, depois de um doce despertar.



— Hum, que manhã bonita! E que música tão melodiosa! - disse ela voltando para dentro, sem dar tempo ao Grilo Cricri de a pedir em casamento.

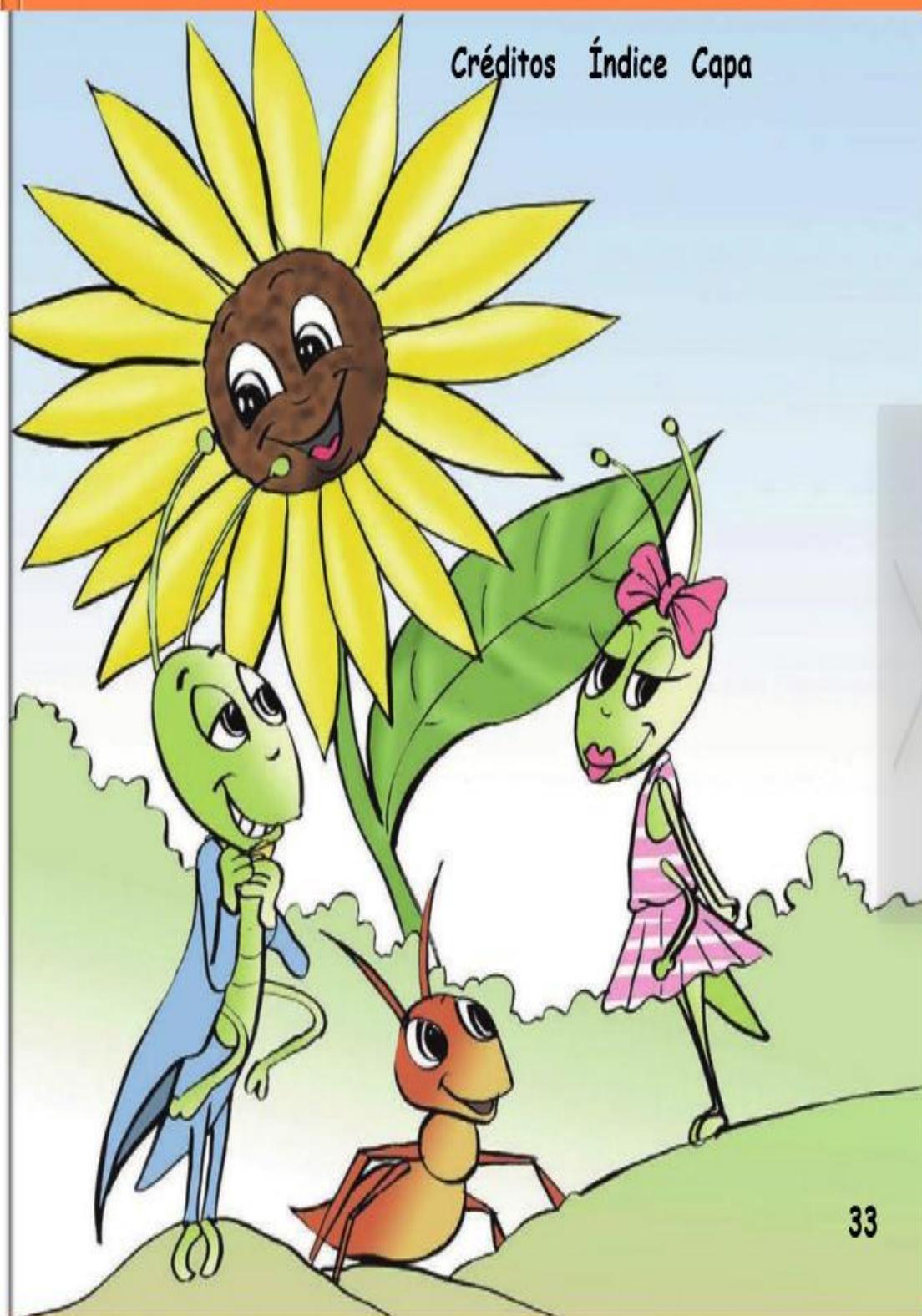
A Formiga Rabiga, mais experiente e sensata, vendo a tristeza de seu amigo, que não parava de cantar, deixou de trabalhar por instantes, e deu-lhe um forte abraço:

— Meu amigo, as meninas não podem casar com insectos, tens que encontrar uma companheira da mesma espécie que a tua. E continuou, muita séria: — Grilo casa com grilo, formiga com formiga e por aí adiante.

— Mas eu gosto dos olhos verdes da menina - disse o Grilo Cricri, entristecido.

A flor de Girassol que tem fama de dar sorte e felicidade acrescentou:

— Se continuares a cantar, verás que te aparece uma fêmea linda para acasalar.



— Tu és um grilo especial, Cricri, por ficares fora da toca durante o dia - completou a Rosa para o animar, sabendo que os grilos só saem das tocas à noite para se alimentarem.

E, mal acabaram de falar, aproximou-se um grilo-fêmea que seguia atentamente o canto atraente do Grilo Cricri. Ela baixou as antenas e disse timidamente:

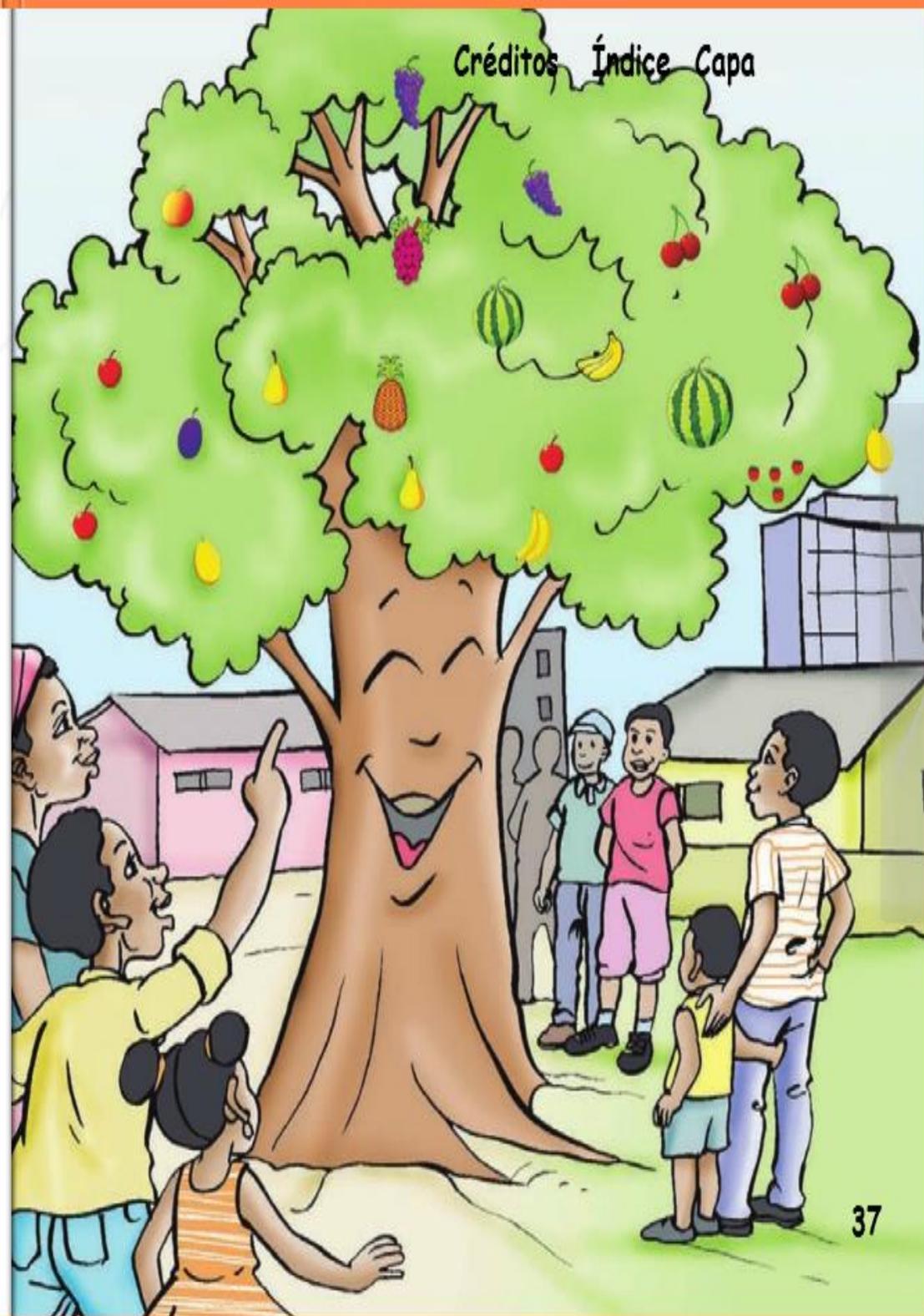
— Olá, Cricri!

Imediatamente, os **olhos compostos** de Cricri arregalaram-se e as pernas traseiras e fortes tremeram, ao ver tamanha beleza! Ficou logo apaixonado!

Aí estava uma verdadeira companheira para continuarem a cantar no canteiro de flores, debaixo da janela de Danila, a menina que todas as manhãs acordava ao som dos cricris.



# ÁRVORE MÁGICA E AS VOGAIS



**E**ra uma vez uma grande árvore, que vivia no centro de uma pequena cidade, onde todos eram felizes.

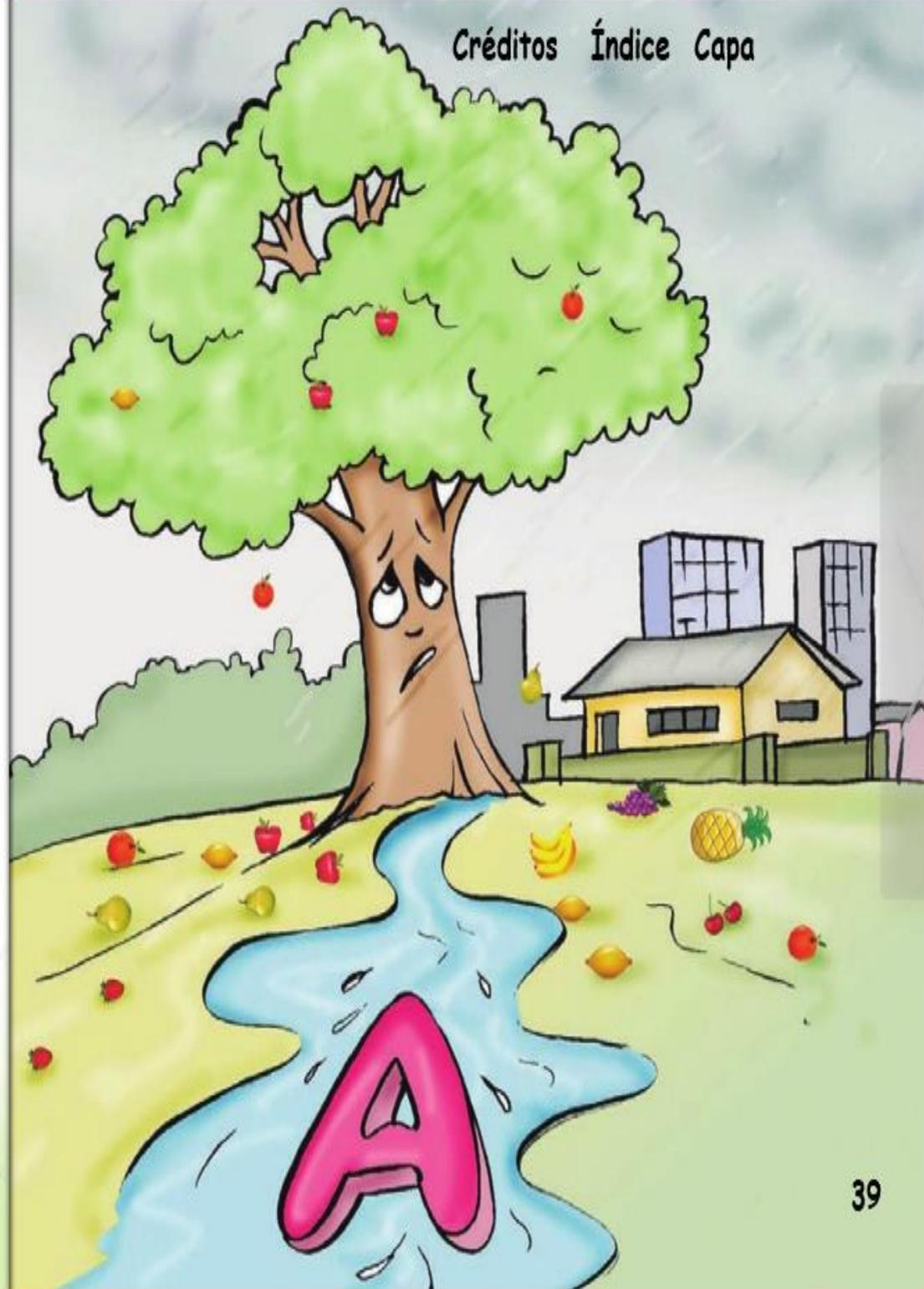
Vivia ali bastante tranquila. Os habitantes da pequena cidade gostavam dela, por ser uma árvore especial.

Para além de oferecer uma sombra **aprazível**, nos dias quentes de **sol ardente**, brindava a todos, com os seus doces e variados frutos tropicais: manga, banana, laranja, abacate, pitanga, abacaxi... todos quantos pudessem imaginar. Era uma Árvore Mágica.

Do mundo inteiro, vinham pessoas e animais para a admirar e provar dos seus deliciosos frutos.

Certo dia, algumas nuvens juntaram-se no céu, ficaram escuras e, deixaram cair algumas gotinhas de água. Primeiro, em pouca quantidade, mas depois, as gotinhas transformaram-se em fios grossos e brilhantes de água cristalina. **Chovia a cântaros!**

A Árvore Mágica estava bastante preocupada, porque todos os seus frutos começaram a cair. E mais preocupada ficou, quando a letra A,



de Árvore, começou a desprender-se, acabando mesmo por cair e foi arrastada pela correnteza da água.

Lá se tinha ido, com a água, a fonte da sua magia, a letra A.

Acabaram-se os frutos, a sombra já não era a mesma, a pequena cidade deixou de receber visitas e os seus habitantes ficaram infelizes.

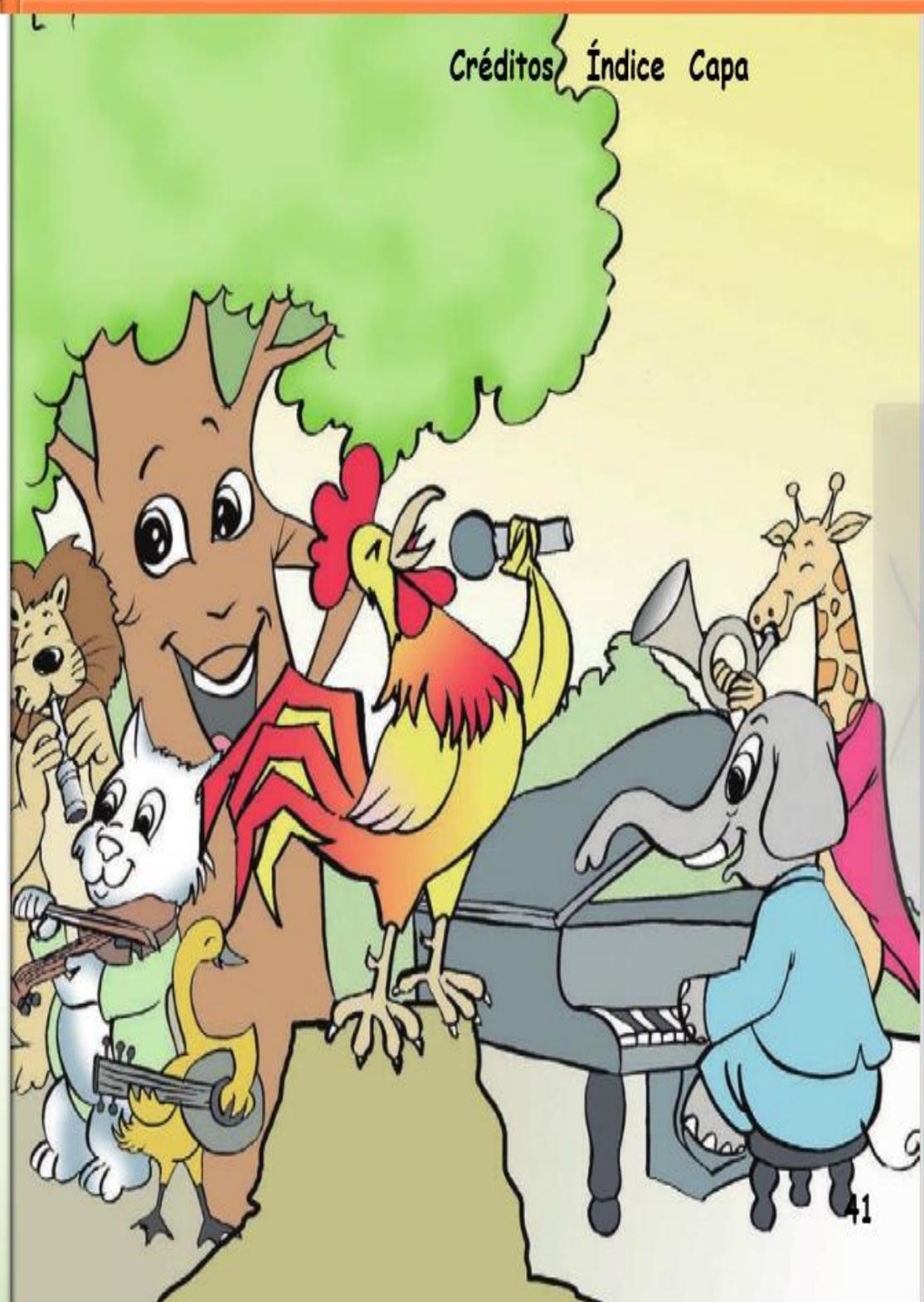
Os dias foram passando e tudo **permanecia** na mesma.

Numa manhã de domingo, a Árvore Mágica acordou com a esperança de que as coisas pudessem mudar.

Soube que na pequena cidade haveria de acontecer um grande desfile, com cinco **personalidades** muito famosas, vindas da Cidade das Letras. Elas iriam dar um espectáculo de dança.

Poucos sabiam de quem se tratava. Tudo estava a ser preparado em segredo, pois as visitantes eram tão famosas, que tinham medo que alguém as roubasse.

Mas a Árvore Mágica, que agora não tinha a letra A, sabia muito bem



que se tratava da visita das meninas Vogais e que poderia voltar a ter a letra A, caso elas permitissem.

Naquele domingo, vivia-se uma tremenda agitação. Um tapete vermelho fora colocado no centro da cidade, ao lado da Árvore Mágica. Uma orquestra de animais tinha sido cuidadosamente montada, com direito até a um piano **reluzente**, de cauda preta.

O Galo de Crista Amarela estava bastante nervoso, por ser o cantor principal e afinava os seus cocorocós.

Estava tudo a postos para receberem tão ilustres personalidades. Eis que chegou o grande momento!

No recinto, de tão cheio que estava, alguns empurravam-se e apertavam-se, procurando o melhor lugar. Até o Anão do Gorro Encarnado estava presente, para grande admiração de todos. Ele só saía de casa para comer os abacates, a sua fruta preferida, da Árvore Mágica.

Finalmente, o desfile começara! O Tapete Vermelho deixou passar as cinco Vogais famosas da Cidade das Letras.



— Lá vêm elas! - gritavam uns.

— Vivam as Vogais! - aclamavam outros.

E em coro a plateia dizia:

— A... E... I... O... U...

E voltavam a repetir inúmeras vezes, batendo palmas sem parar:

— A... E... I... O... U...

Era uma euforia total.

E, antes que a dança começasse ao som da orquestra, a *Árvore Mágica* pediu emprestado o microfone do *Galo Cantor*, chamando a atenção dos presentes:

— Sejam bem-vindas à nossa cidade, amigas Vogais - disse, para o espanto de muitos que desconheciam essa amizade.

E continuou:

— Podem emprestar-me a letra A, para que eu fique completa e ganhe de volta a magia de dar frutos tropicais variados?



A vogal **A**, que era muito bondosa e aparecia duas vezes na palavra alegria, prontificou-se logo em ajudar. Com um simples passo de dança, aproximou-se do primeiro **R**, abraçou-o e completou a palavra **ÁRVORE**.

Logo de seguida a magia regressou! Os frutos tropicais voltaram a nascer da *Árvore Mágica*, que ofereceu a sombra habitual aos presentes.

A cidade tornou a ser feliz.

Podia ouvir-se novamente:

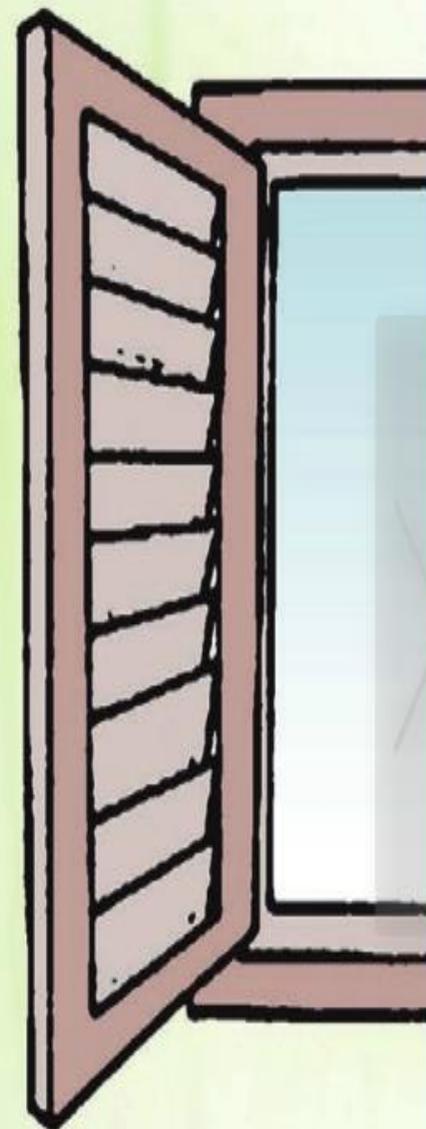
- Viva, viva! Vivam as vogais! A... E... I... O... U...
- Viva a *Árvore Mágica*!

E mais palmas **ecoaram** no local, quando a dança das Vogais teve início e o *Galo Cantor*, finalmente, soltou os seus cocorocós, depois de tanto ter ensaiado.

A festa durou até o sol se pôr, naquela cidade pequena, onde vivia tranquila a grande *Árvore Mágica*.



O RELÓGIO  
QUE QUERIA SER ATLETA



**E**ra uma vez um Relógio de parede, muito diferente dos relógios comuns. Estava sempre bem-disposto e nunca falhava em dar horas certas.

Raramente tirava os seus óculos azuis e tinha uns bigodes salientes enrolados para cima. O laço com bolinhas pretas e as longas e finas pernas davam-lhe um ar muito engraçado. Era dotado de ponteiros especiais que serviam para marcar as horas, os minutos e os segundos.

O Relógio fazia bom uso de suas pernas compridas, porque estava sempre a correr.

Alguém se lembrara de lhe oferecer uns ténis desportivos e, desde então, ninguém lhe tirava a vontade de ser um corredor a sério. Ele achava que podia participar numa corrida de atletismo. Por conseguinte, treinava diariamente, passando por todas as ruas do bairro, com a boa disposição que o caracterizava.

— Olá, Jorginho, são 7 horas, quase na hora de ir para escola!  
- dizia meio ofegante.



— Olá Relógio, a corrida está para amanhã? - gozava Jorginho, largando de imediato a bicicleta que estava a arranjar, para colocar a mochila nas costas, porque a escola esperava por ele.

Enquanto isso, os seus ponteiros, não paravam de girar. Corriam como o Relógio, marcando sempre o tempo.

O ponteiro mais curtinho estava agora no número 7 e o mais comprido apontava para o número 6. Já eram 7 horas e 30 minutos.

— Tia Joana, a cantina já devia estar aberta! Os alunos, daqui a pouco, começam a chegar com fome - e parava um pouco para ganhar fôlego, ao mesmo tempo que recebia um copo de água das mãos da tia Joana, para se refrescar.

— Eu sei, eu sei, os meus pequeninos estão sempre esfomeados - sorria com delicadeza, recebendo de volta o copo, agora vazio.

— Apressa-te, antes que chegues em último lugar à meta! - dizia a Tia Joana com uma pontinha de malícia.

E lá voltava o nosso Relógio a correr, distribuindo as horas a todos quantos encontrasse pelo caminho.



— Rafaela, é meio-dia, hora do almoço. Hoje, quero ver-te a comer tudo. - Chamava sempre a atenção, sabendo que comer era o grande problema da Rafaela. Nunca gostava do almoço que a Mimi fazia.

— Irei comer às 12h30, quando o ponteiro pequeno estiver no número 12 e o grande no número 6 - desculpava-se ela.

O Relógio não ficava nada satisfeito. Afinal, comer faz bem ao corpo e à mente, pensamos melhor e ficamos mais bem-humorados.

E era sempre assim, até ao final do dia, naquela passada que indicava pressa para chegar a algum lado.

Certo dia, cansado de treinar, sem ter nenhuma corrida à vista, deixou-se ficar em casa na parede da sala! Tinha um semblante triste, porque perdera as esperanças de vir a ser um atleta de verdade.

Ora, já podem imaginar o que aconteceu a seguir: o Jorginho distraiu-se com a bicicleta, a tia Joana abriu tarde a Cantina, a Rafaela não se lembrou que tinha de comer... Ficaram todos perdidos no tempo!



Os amigos do bairro, bastante preocupados, resolveram organizar uma corrida com todos os Relógios.

O Bininho, que era sempre cheio de ideias, achou que devia ser ele a fazer a convocatória. Segundo ele, de bicicleta chegaria mais rápido às casas dos relógios.

O Clésio teve que parar o jogo da PS3, para ajudar:

— Vamos pedir ao professor Juca, para cuidar de toda a corrida - disse, sabendo que, em coisas do desporto, podia contar com o professor.

— O avô António pode oferecer um prémio ao vencedor - contribuiu o Marquinho, muito devagar.

A tia Joana propôs-se logo em dar água aos participantes.

Tudo estava a correr muito bem. Só faltava avisar o nosso amigo Relógio.

A Cleide e o Jorginho, os mais crescidos do grupo, trataram de dar a grande novidade: a realização de uma prova de atletismo. O Relógio ficou tão feliz, que quase desacetava as horas.



Chegou o dia marcado. Era uma manhã bonita de sol. Todos os relógios do bairro estavam presentes. Ouviam-se uns tic-tac's agitados, porque o professor Juca decidiu que só participaria na prova quem estivesse a marcar horas certas.

Felizmente todos estavam certos... ou melhor, quase todos. O relógio da tia Luísa estava adiantado 5 minutos. Mas a Drica, que era muito arrebitada, tratou de acertá-lo, marcando assim 8 horas e 20 minutos.

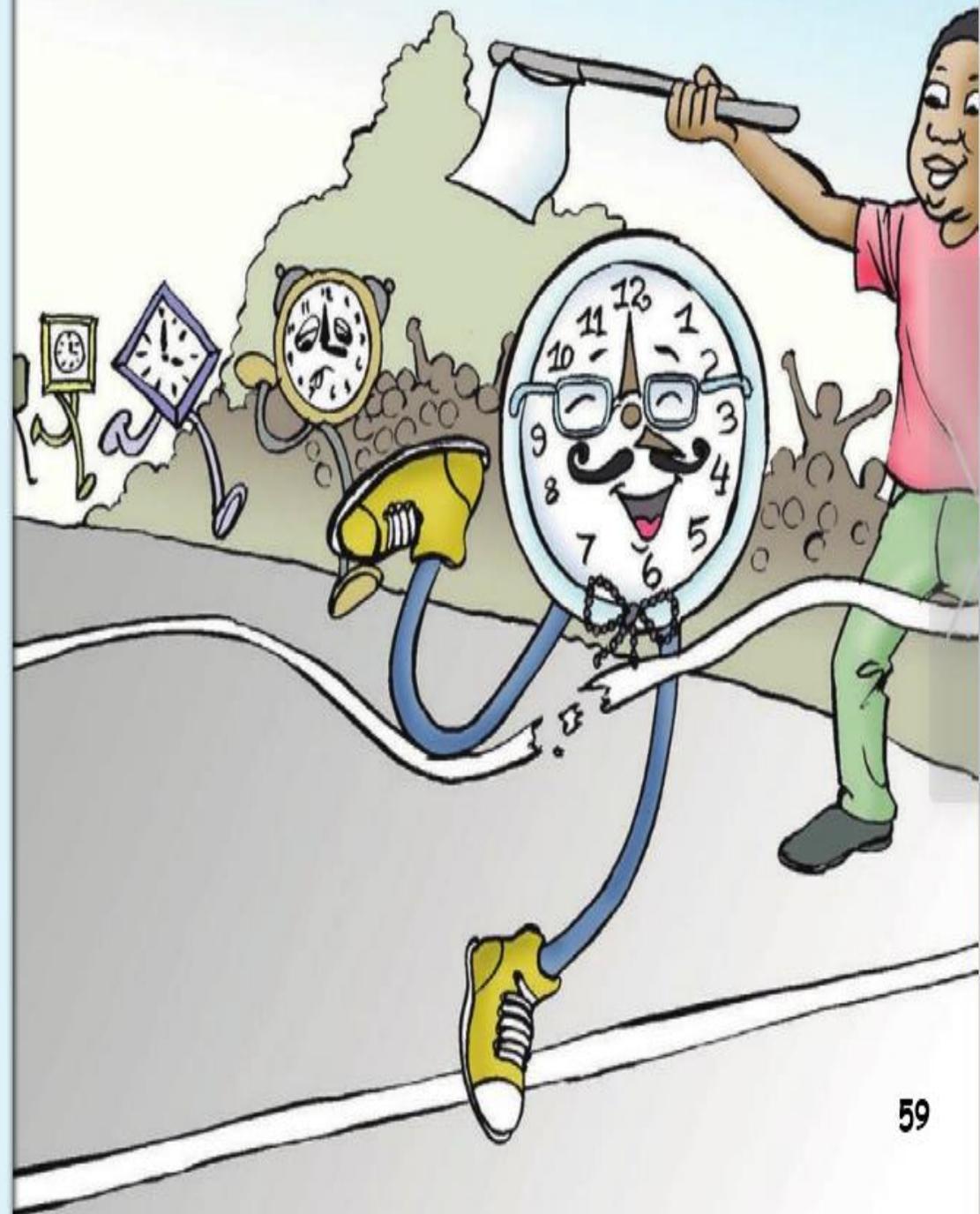
A Rafaela entregou o apito ao professor Juca, que já tinha nas mãos uma bandeira e preparava-se para dar início à prova.

Nunca se juntou tanta gente naquele bairro! Todos batiam palmas e aplaudiam o Relógio Atleta, torcendo para que ele vencesse a prova.

— Atenção! Preparados? - falou alto o professor Juca.

Quando todos os relógios marcavam 8 horas e 30 minutos, o apito soou!

Que grande correria! O Relógio Atleta, por ter treinado bastante, estava em forma e deixou todos os outros para trás.



O Ruizinho, com a sua pequenina voz gritava.

— Corre, corre! Estás quase a chegar!...

Estava realizado o sonho! O Relógio que queria ser atleta, por ter uns ténis desportivos, acabara de cortar a meta, em primeiro lugar, sendo recebido com grandes aplausos de alegria.

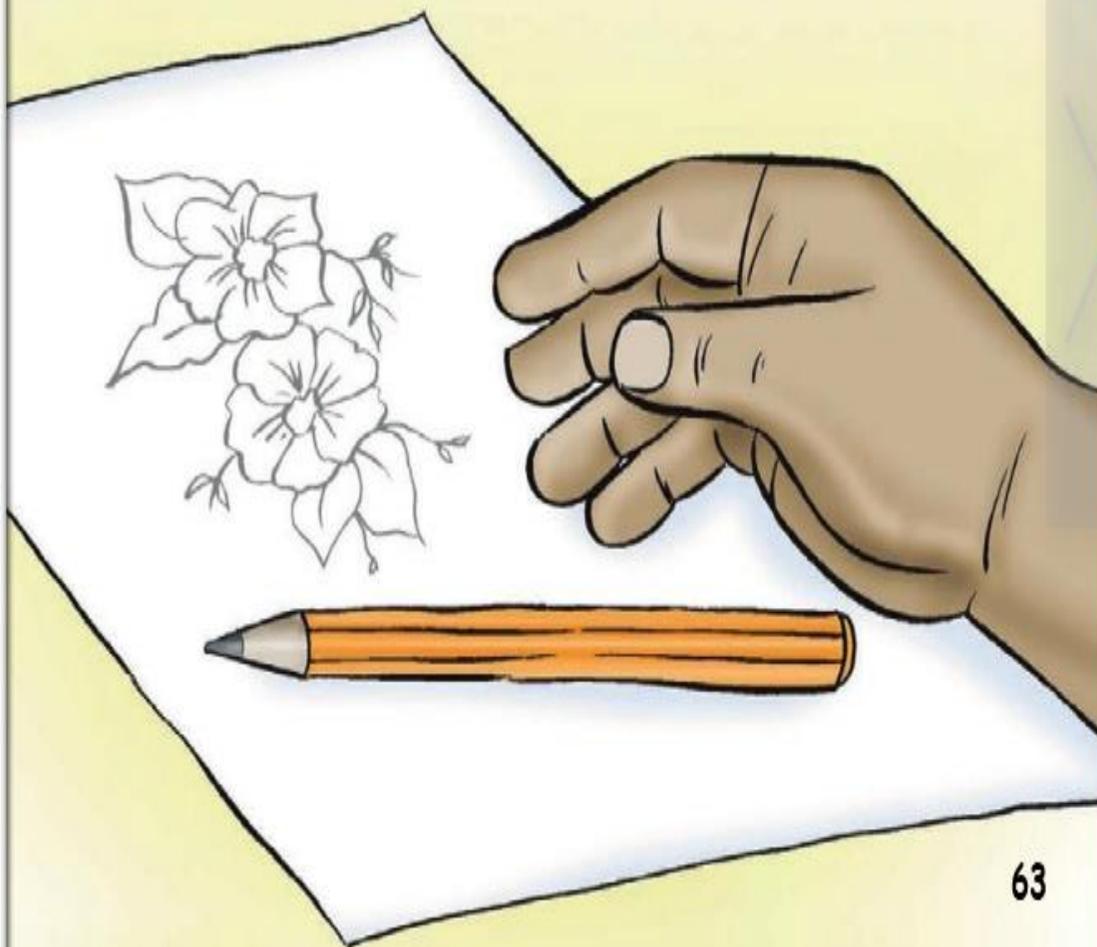
Lá estava ele todo vaidoso, a receber das mãos do avô António uma grande e bonita taça.

A Bruna, o Hugo, o Paulinho, a Luima e os outros meninos do bairro, encarregaram-se de colocar medalhas coloridas aos restantes relógios, por terem participado na corrida.

Quanto ao nosso Relógio, prometeu a todos os amigos que nunca mais iria faltar com as horas.



# OS LÁPIS E O DESENHO SEM COR



Era uma vez...

— Porque é que as histórias começam todas assim? - interrompeu a Rafaela curiosa.

— Porque os finais são sempre felizes - respondeu o Alexandre impaciente.

— Então esta também vai terminar bem?!

— Sim vai! Podes deixar a Mamã acabar?

— Ah, ah, ah! Acabar? Ela nem começou! - gozou como sempre fazia.

— Meninos! - interrompeu a Mamã com um leve sorriso. - Querem deixar-me contar a história?

— SIM! - responderam **em coro** os dois irmãos.

— Então...

Era uma vez um desenho sem cor.

Já imaginaram um desenho sem cor?

Flores, folhas, sol, mar, gaivotas... meninas com laços na cabeça que deveriam ser coloridos... mas, tudo estava sem cor.

Bom, apenas uma cor: o cinzento.

Imaginem vocês que a Mão que pintou o desenho só encontrou o lápis cinzento, na caixa das cores. A Mão era preguiçosa e não queria procurar os outros lápis.



E onde estariam eles? Os lápis tinham ido dar um grande passeio ao jardim da Avó Milú e puseram-se a pintar tudo quanto encontravam.

Pintaram tanto que ficaram sem pontas. E tudo porque a Avó Milú tinha uma colecção de flores, cada uma mais bonita que outra. Os lápis pintaram as folhas, as pétalas das rosas, até as borboletas que passeavam ali perto não escaparam de serem pintadas.

No final do dia, os lápis ficaram muito envergonhados por estarem sem pontas e resolveram não se recolher à caixa das cores, que era o lugar certo para descansarem.

Foram esconder-se na estante dos livros de estórias, a fim de se confundirem com as cores dos desenhos e mais tarde pensarem numa forma de ganhar novamente as suas preciosas pontas.

O certo é que o desenho estava sem cor, os lápis estavam preocupados em colorir o desenho (e envergonhados por estarem sem pontas) e a Mão, bem descansada, não se tinha dado ao trabalho de os procurar.

— Ora, o que podemos fazer para voltarmos a ter as nossas pontas?  
- perguntou o Lápis Castanho que pintara os caules de algumas flores.



— Vamos pegar numa faca e resolvemos o nosso problema - respondeu o Preto, muito depressa.

— Alguém pode-se cortar!... - **retorqui** o Amarelo que era muito cauteloso.

— Já sei! Vamos à procura do Afia-Lápis e logo ficaremos como novos - **opinou** o Verde cheio de esperança.

— Iupiiii!... É uma boa ideia! - responderam todos os lápis, concordando.

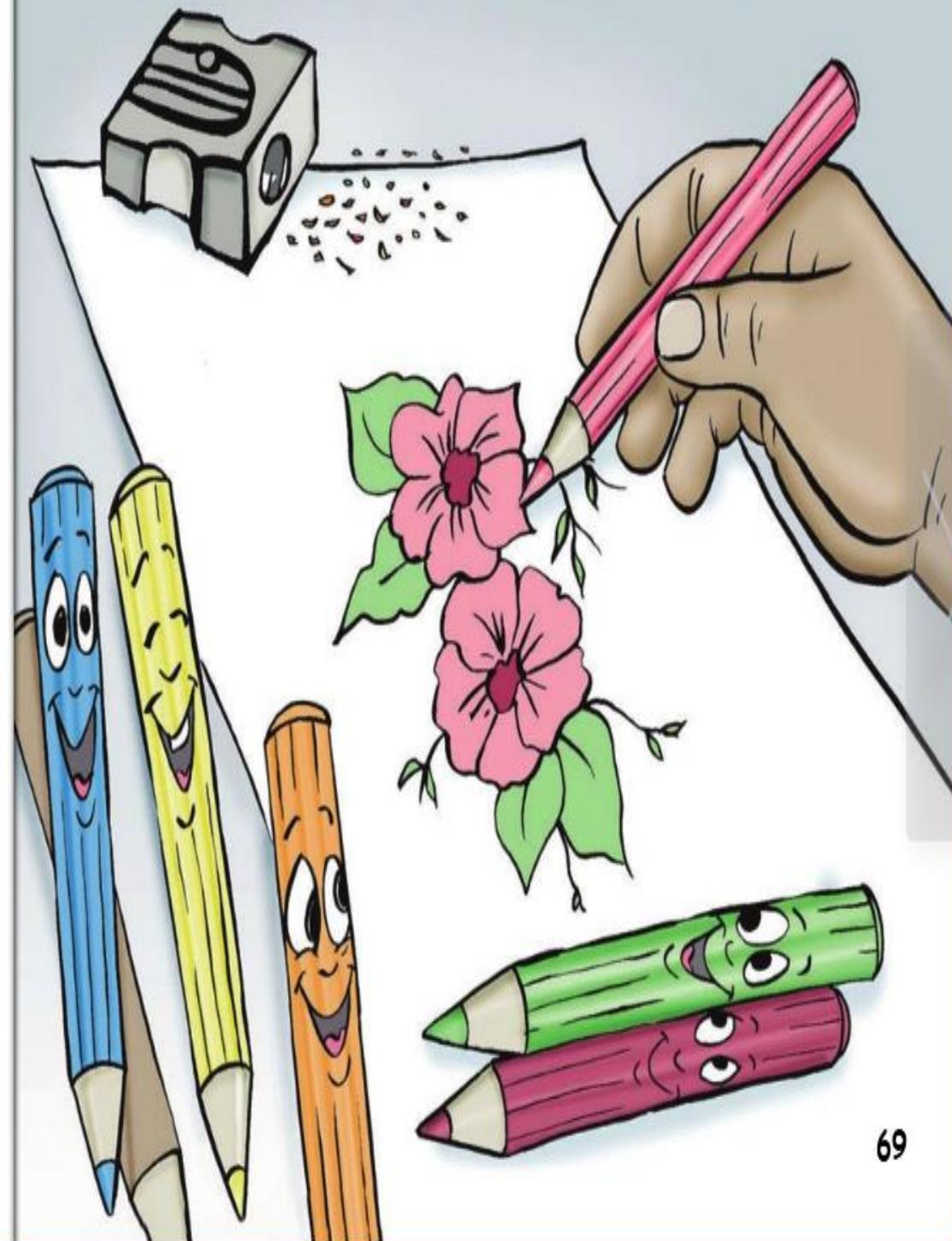
— Eu sei onde poderá estar o Sr. Afia - disse baixinho e meio encabulado o Lápis Vermelho, por ser o mais pequeno e o mais amigo do Afia (claro, era o que mais precisava dos seus préstimos, eheheh).

— Onde? - perguntaram todos.

— No Estojo dos lápis - respondeu satisfeito o Vermelho.

— Então, toca a andar! - disse o Azul muito tranquilo e **sereno**.

E lá foram os lápis todos entusiasmados ao encontro do estojo que estava na mochila da escola, pedindo ajuda ao Sr. Afia, a fim de resolver o problema que os **apoquentava**.



O Sr. Afia logo concordou em ajudá-los, pondo-se de imediato a trabalhar. As pontas dos lápis ficaram bonitas e finas, pareciam novinhas em folha.

Com a ajuda da Mão, os lápis pintaram de imediato o desenho, que ficou bastante colorido.

Quanto à Mão: prometeu que nunca mais iria deixar os desenhos sem cor e que deixaria de ser preguiçosa.

E ficaram todos muito felizes olhando para o desenho, que agora tinha cor.

— Eu não disse? As estórias da Mamã têm sempre um final feliz - disse o Alexandre.

— Que bom! Contas outra? - perguntou Rafaela.

— Vou pensar em novas estórias, que contarei com todo o prazer - terminou a Mamã, feliz.



## PALAVRAS DIFÍCEIS

Alarido - gritaria, alvoroço

Ao seu redor - à sua volta

Apoquentava - afligia, incomodava

Aprazível - agradável

Chilrear - cantar dos pássaros

Chovia a cântaros - chovia muito

Cortejar - lisonjear, pretender,  
namorar

Desanimado - desalentado, infeliz

Desconfiada - receosa

Em coro - ao mesmo tempo

Ensolarada - com muito sol

Entoava - afinava, cantava

Ergueu - levantou

Esfomeados - com muita fome

Irradiou - espalhou

Lamentar - suspirar, queixar-se

Lavada em lágrimas - chorar muito

Malícia - maldade

Ofegante - cansado

Olhos compostos - olhos organizados,  
formados

Opinou - deu opinião

Permanecia - ficava

Personalidades - celebridades

Profissional - especialista em algo

Reluzente - brilhante, cintilante

Retorquiu - respondeu

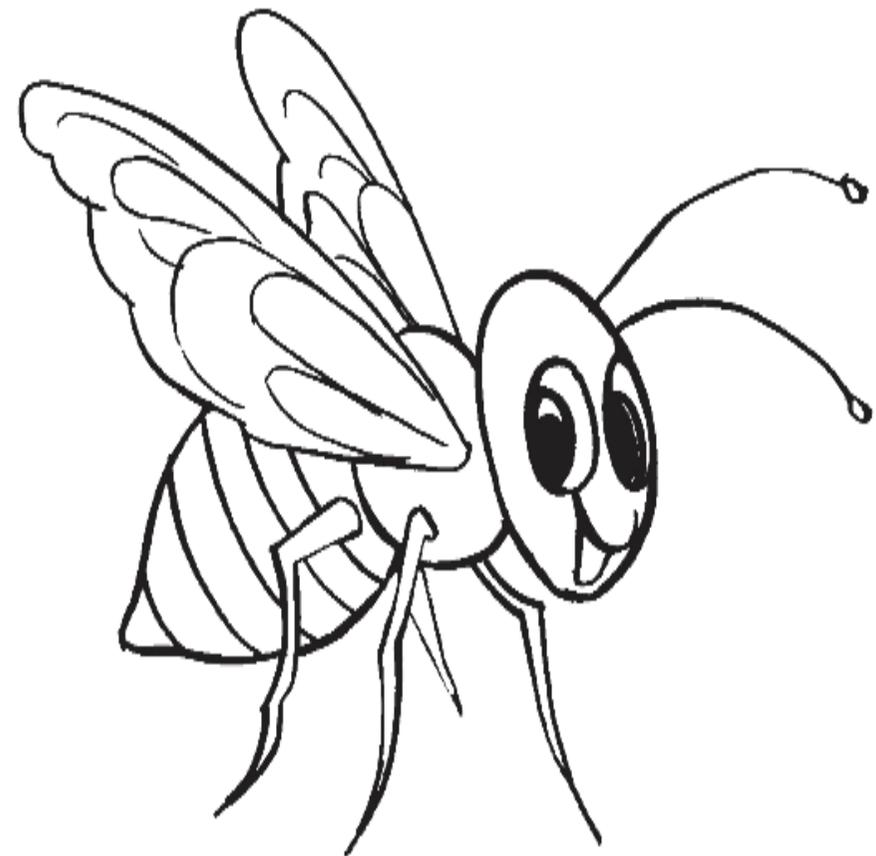
Semblante - rosto, cara, face

Sensata - ajuizada

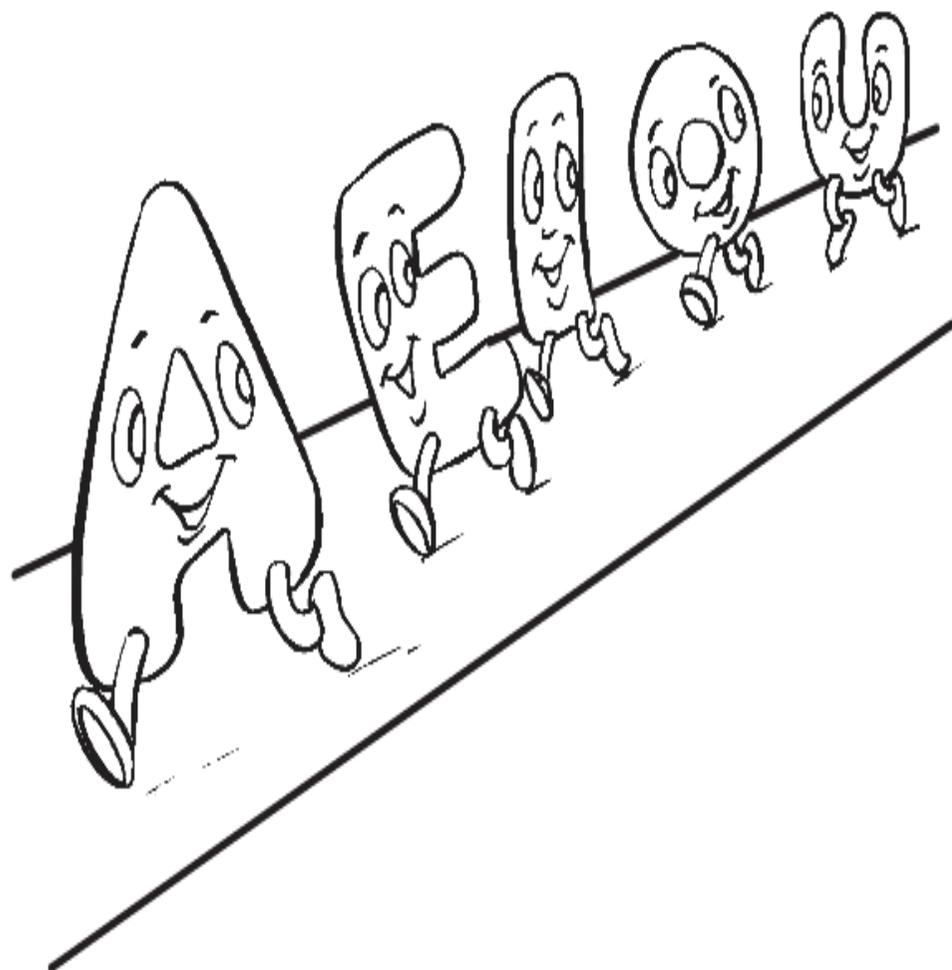
Sereno - calmo, manso

Sol ardente - sol luminoso

## PARA COLORIR



PARA COLORIR



PARA COLORIR



## O MEU LIVRO DE HISTÓRIAS

**Elaboração:** Gisela Fernanda Carmelino de Andrade Borges

EDIÇÃO DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

**Edição em Eboo-k**

Belson Pedro Raimundo Hossi



**Músicas**

Sónia António: **Mundo Cheio de Alegria**

Turma do Cristãozinho: **As Árvores Balançam**, Cristina Mel: **Tic Tac**

António Hossi: **Aprender Angola**, Moraes Moreira: **As Abelinhas**

Mileninha: **Grilinho Cri Cri**, Reino Infantil: **Nuvem Nuvem**

**Balão Mágico, Ae ae ou a**

**Todos direitos desta edição reservados à**

Gisela Fernanda Carmelino de Andrade Borges

Este E-book esta protegido por

leis na "CPLP" de direitos Autoriais

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUÊSA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA AFRICA AUSTRAL

Esta obra esta sobre uma Licença Commons

Voçê pode copiar, distribuir, exhibir, desde que seja

dado crédito aos autores originais - **Não é**

**permitido modificar esta obra.** Você não pode fazer uso comercial

desta obra. Voçê não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade  
pelos textos, músicas, e imagens  
é exclusivamente do Autor.



GISELA FERNANDA CARMELINDO  
DE ANDRADE BORGES

Nasceu em Angola, na cidade alta do  
Cristo Rei: Lubango.

Desde 1984, tem realizado e apresen-  
tado vários programas infantis, na  
Rádio Nacional de Angola (Húlla),  
como os programas *Girassol* e *Pim  
Pum Pum*, e, na Televisão Pública de  
Angola, o programa *Giroflé*, empen-  
hando-se na descoberta e estímulo  
de pequenos talentos, no mundo das  
artes.

Foi professora voluntária, no ensino  
de base de crianças desfavorecidas.

*O Meu Livro de Estórias* é o sonho  
de infância, realizado e que traduz o  
amor e carinho dedicado às crianças.

**APOIOS:**

TVC – Televisão Comercial

BPC – Banco de Poupança e Crédito

Rui Kapose

Rosário Ina Panzo

Gerson Tedflio

Eugénio Carlos da Silva

Voltar a Capa

# O MEU LIVRO DE ESTÓRIAS

Gisela A. Borges

